



Docência na Educação Básica em tempo de pandemia

Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa
Márcia Aparecida Figueiredo
Maria Amélia Zucolloto
Adriana Silva

Os esforços para refletir sobre os impactos da Covid-19 na vida de bilhões de pessoas no planeta estão apenas começando. Embora seja perceptível que alguns grupos ou mesmo, algumas pessoas, preferam tratar do tema como algo do passado, há de se reconhecer que as consequências desse período repercutirão por longo prazo. Não somente interferindo no modo de viver, mas, em especial, promovendo ou exigindo reflexões mais profundas sobre as relações humanas com destaque para a vulnerabilidade da saúde mental. Neste caso, algumas áreas se apresentam mais afetadas pela pandemia. Ignorar o aprendizado adquirido não permitirá os avanços necessários, por isso, torna-se importante analisar estudos, pesquisas, estatísticas ou simples conjuntos de relatos.

No campo da educação, a pandemia gerou uma crise sem precedentes. Para preservar a saúde de alunos, pais, professores e funcionários, tornou-se imprescindível suspender as atividades presenciais e aderir a outros formatos de aprendizagem. Nas palavras da diretora-geral adjunta de Educação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), Stefania Giannini, o mundo não estava preparado “para uma ruptura em tamanha escala”. Em novembro de 2021, o órgão informou que 1,57 bilhão de estudantes, em 191 países, deixaram de frequentar escolas e universidades e 63 milhões de professores da educação básica foram afetados pela pandemia (UNESCO, 2022).

No Brasil, o Ministério da Educação (MEC) emitiu, em 17 de março de 2020, a Portaria n. 343 (BRASIL, 2020a), suspendendo as aulas presenciais. Alguns dias depois, pela Portaria n. 345 (BRASIL, 2020b), instituiu o ensino mediado por tecnologias. No mês de abril do mesmo ano, a Medida Provisória n. 934 desobrigou as instituições de ensino a cumprirem o mínimo de dias de efetivo trabalho escolar exigido por lei. A maior parte do público afetado está na rede pública que, segundo pesquisa da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), é responsável por 82% das matrículas do ensino fundamental e 87,4% das matrículas do ensino médio, sendo, esses estudantes, oriundos de grupos culturais distintos.

O fechamento das escolas foi monitorado pela Global Education Coalition, plataforma *on-line* criada pela Unesco. De acordo com essa ferramenta, o tempo médio de fechamento das escolas, no Brasil, até 28 de fevereiro de 2022, foi de 78 semanas. Estima-se que mais de 43 milhões de estudantes foram afetados (UNESCO, 2022).

Com as unidades escolares fechadas, as atividades de ensino e aprendizagem passaram a ocorrer de outras formas: mediadas pela tecnologia, de forma síncrona e assíncrona; desenvolvidas de maneira precária, com o envio de material físico aos alunos; ou simplesmente não ocorreram. O uso dos meios digitais parece ter sido o recurso mais empregado; contudo, a situação torna-se complexa, se levado em conta que, segundo o IBGE (2020), 25,3% dos brasileiros não possuem acesso à internet.



O Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (GESTRADO, 2020) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) sinalizou que 53% dos docentes da rede pública não têm acesso às mídias digitais, a conexões com a internet, ou a equipamentos adequados. Porém, o trabalho e o estudo *on-line* demandam mais do que conexão com a internet, pois exigem condições para que o estudante possa ter um aprendizado de qualidade. Para Bemard Lahire (1997), não apenas o acesso, mas a forma de apropriação do conhecimento é fundamental para pensar a trajetória do estudante.

A falta de estrutura e formação tornou o acesso à internet, aos dispositivos digitais e aos recursos necessários, uma barreira, para muitos alunos e professores, principalmente da rede pública, para prosseguirem com o processo de ensino e aprendizagem. Conseqüentemente, os números da evasão escolar subiram consideravelmente, nos anos de 2020 e 2021. De acordo com estudos da Fundação Getúlio Vargas (2022), o segmento mais adversamente afetado na pandemia foi o dos estudantes potenciais mais novos. No grupo de 5 anos de idade, por exemplo, a taxa de evasão foi multiplicada 3,33 vezes, chegando a um pico de aumento de 22,4%.

Entre os alunos que permaneceram matriculados, houve a perda no tempo médio de estudo, principalmente entre os mais pobres, da rede pública, em lugares remotos. Por exemplo, os discentes com idades entre 6 e 15 anos, pertencentes ao Bolsa Família, entre 2006 e 2020, perderam 2 horas de estudo, em relação ao ensino presencial. Outro aspecto observado foi a falta de atividades escolares resultante do não envio de material por redes de ensino (FGV SOCIAL, 2022). Os impactos de longo prazo dessa realidade, sobre a qualidade da educação, ainda estão longe de ser aferidos.

Diante desse cenário, a Academia Ribeirão-Pretana de Educação (ARE) reconheceu a importância de contribuir com os estudos e as reflexões sobre implicações da pandemia na docência, decorrentes das medidas de isolamento social em função da pandemia de Covid-19, na região de Ribeirão Preto/SP. Para realizar a pesquisa, a ARE criou o Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente, formado pelos seguintes acadêmicos: Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa; Márcia Aparecida Figueiredo; Maria Amélia Zucoloto; Maria de Fátima Mattos; Marilda Franco de Moura; Marlene Cerviglieri; Meire Aparecida Pedersoli; e Nainôra Maria Barbosa de Freitas. O grupo elaborou o projeto Docência na Educação Básica em Tempo de Pandemia e parte dos resultados da pesquisa exploratória realizada pelo Grupo é apresentada neste capítulo. Com isso, a ARE pretende incentivar a reflexão sobre o trabalho docente durante o período de isolamento social, ofertando insumos para futuras pesquisas e análises que possam colaborar para a melhoria da educação pós-pandemia.

A pesquisa

As dimensões consideradas para a elaboração do roteiro de pesquisa foram construídas a partir da observação e experiência dos próprios acadêmicos, cujas atividades profissionais estão diretamente relacionadas à educação: (1) tempo e volume de trabalho; (2) cuidados com saúde e bem-estar; (3) sentimento em relação à docência durante a pandemia; (4) uso de tecnologias. Com base nessas premissas, foi elaborado um questionário no Google Forms, com 28 perguntas, das quais três abertas e 25 de múltipla escolha. O pré-teste foi aplicado com professores de Ribeirão Preto/SP e Santa



Rosa do Viterbo/SP, no qual constatou-se a dificuldade de envio do questionário e retorno das respostas dos docentes. A pesquisa coincidiu com os estágios intermediários e controlado do Novo Coronavírus, como se observa no Quadro 1, quando as escolas estavam fechadas e ainda não havia perspectiva de reabertura.

Quadro 1: Estágios do novo coronavírus em 2020

I. Estágio Inicial ¹ (23/3 a 27/3/2020)	II. Estágio Intermediário (13/4 a 22/5/2020)	III. Estágio Controlado (20/7 a 14/8/2020)	IV. Estágio Controlado e Retomada (16/11 a 26/11/2020)
Aplicação da pesquisa			

Fonte: Instituto Península (ago. 2020).

Considerada a dificuldade de comunicação com os docentes e gestores que trabalhavam remotamente, decidiu-se adotar uma amostra não probabilística, com critérios estabelecidos por familiaridade e de maneira intencional pelo grupo. Na prática, os membros da ARE acionaram sua rede de contatos para chegar, dentro do prazo estabelecido para a aplicação do questionário, ao maior número possível de docentes da educação básica. O questionário foi enviado por *e-mail*, sendo obrigatória a leitura e o aceite do Termo de Consentimento para participar da pesquisa.

Localização geográfica da amostra

A Região Metropolitana (RM) de Ribeirão Preto foi definida como o recorte geográfico da pesquisa.² Com o esforço de engajamento promovido pelos acadêmicos da ARE, a pesquisa conseguiu atingir municípios das quatro regiões (Quadro 2).

Quadro 2: Municípios da Região Metropolitana de Ribeirão Preto representados na pesquisa

Sub-regiões RM	Municípios com Docentes que Responderam ao Questionário
Sub-região 1	Barrinha, Cravinhos, Dumont, Guatapar, Jardinópolis, Luiz Antnio, Pontal, Ribeir Preto, Santa Rita do Passa Quatro, São Simão e Sertãozinho
Sub-região 2	Guariba e Jaboticabal
Sub-região 3	Cajuru e Santa Rosa do Viterbo
Sub-região 4	Batatais, Morro Agudo e Orândia

Fonte: Prrios autores (2020).

Para além do recorte geográfico definido previamente, a disseminao do questionário pelos prrios respondentes teve como resultado o recebimento de dados de municípios que não integram a RM: Araraquara, Bebedouro, Franca, Guairá, Igarapava, Ituverava, São Carlos e São Joaquim da Barra. Tendo em vista a proximidade dessas cidades, em relao  Ribeir Preto, considerou-se como relevante alterar a cobertura da pesquisa, analisando as informaçoes obtidas dos 250 professores que responderam  pesquisa, totalizando 26 municípios, como detalhado no Gráfico 1.

¹ Régua de mensurao dos estágios da Pandemia construída pelo Instituto Pensula, em 2021.

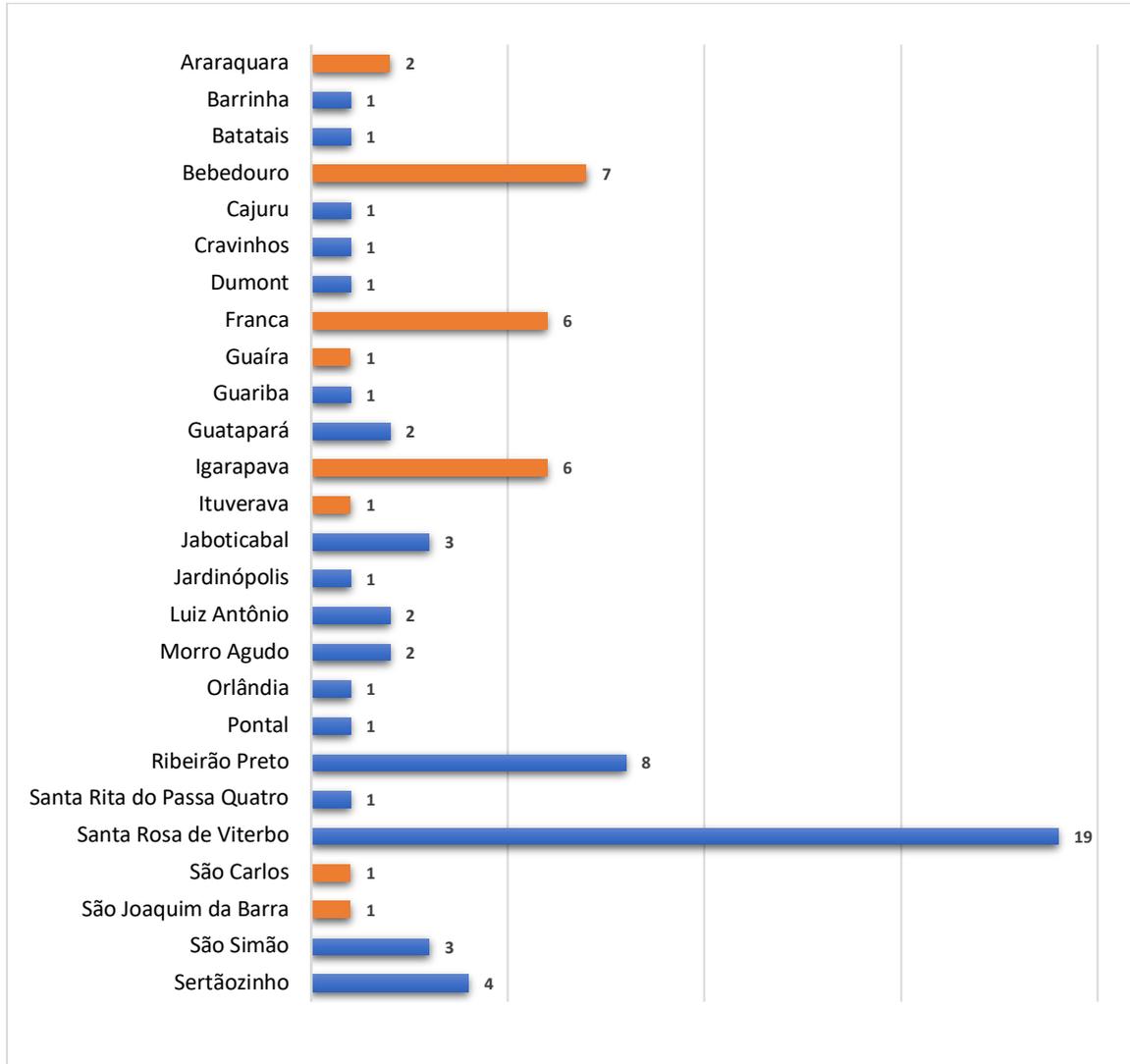
Disponível em: <https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Diagrama%C3%A7%C3%A3o-Pulso.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2022.

² A Região Metropolitana de Ribeir Preto foi institucionalizada em 6 de julho de 2016, pela Lei n.1290, reunindo 34 municípios, agrupados em quatro sub-regioes. Disponível em: https://mrp.pdui.sp.gov.br/?page_id=127. Acesso em: 22 abr. 2022.

Texto originalmente publicado em: ROSA, L.R.O. et al. Docência na Educao Básica em tempo de pandemia. In: MORENO, L. C. (org.) et al. **ARE – Academia Ribeir-Pretana de Educao – 2002/2022 – 20 anos**: educao, ensino, aprendizagem e pesquisa. Ribeir Preto: Maxibook. 2022.



Gráfico 1: Número de respondentes por município (2020)



LEGENDA

 Municípios fora da Região Metropolitana de Ribeirão Preto/SP

 Municípios da Região Metropolitana de Ribeirão Preto/SP

Fonte: ARE. Pesquisa (2020). Análise de dados: Lilian R. O. Rosa.

Perfil dos professores participantes da pesquisa

A pesquisa abrangeu 250 formulários respondidos por professores da educação básica, dos quais 96,6% declararam estar realizando suas atividades profissionais na modalidade remota. A maioria dos respondentes é composta por mulheres (Fig. 1), que também dominam o cenário da educação básica nacional, correspondendo a 96,4% da docência na educação infantil; 88,1% nos anos iniciais; e 66,8% nos anos finais do ensino fundamental (INEP, 2021).

Texto originalmente publicado em: ROSA, L.R.O. et al. Docência na Educação Básica em tempo de pandemia. In: MORENO, L. C. (org.) et al. **ARE – Academia Ribeirão-Pretana de Educação – 2002/2022 – 20 anos:** educação, ensino, aprendizagem e pesquisa. Ribeirão Preto: Maxibook. 2022.



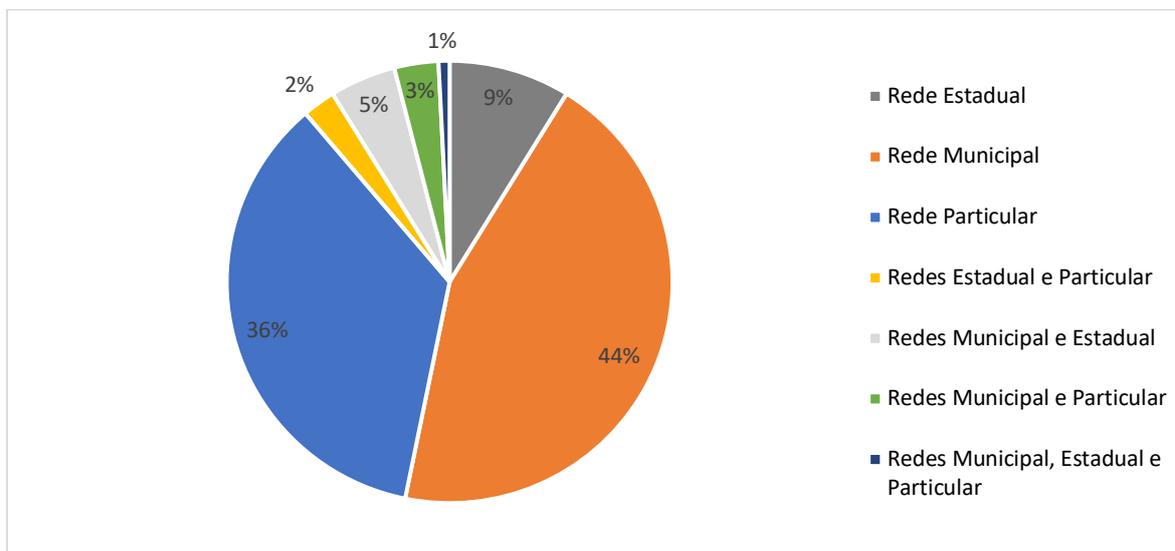
Figura 1: Divisão da amostra por sexo declarado



Fonte: ARE. Pesquisa (2020). Análise de dados: Lilian R. O. Rosa.

A média de idade é de 41 anos, com mínima de 21 e máxima de 64. O resultado é um pouco acima da média nacional que, em 2018, estava entre 30 e 39 anos (INEP, 2018). Quanto à rede na qual atuam, 44% trabalham em escolas municipais; 36% em estabelecimentos particulares; e 9% em escolas estaduais. O restante (11%) declarou dividir o seu tempo de atividade profissional em mais de uma rede (Gráfico 2).

Gráfico 2: Percentual de docentes por rede de ensino em que atuam



Fonte: ARE. Pesquisa (2020). Análise de dados: Lilian R. O. Rosa.

A amostra é formada por profissionais com experiência em docência no ensino básico; a maioria tem entre 7 e 25 anos de carreira. O tempo médio de docência é de 10 anos, com uma variação entre 4 meses de atuação até 35 anos.

Breve análise dos resultados

a) Tempo e volume de trabalho

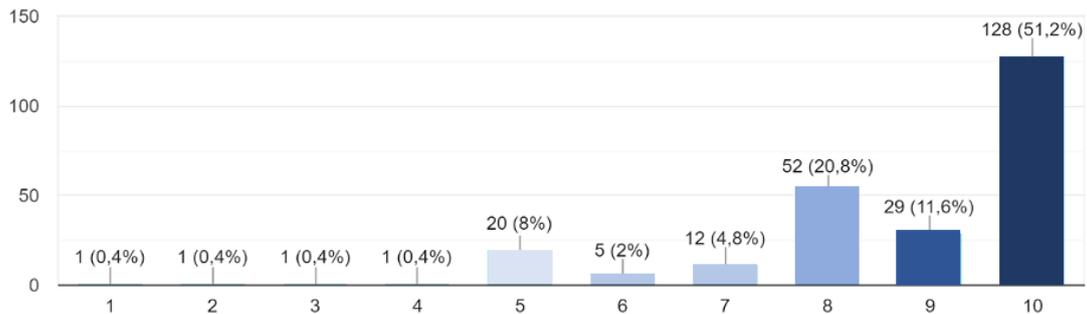
Nesta dimensão, o estudo realizado pela ARE apontou que, na percepção dos docentes, faltou tempo e sobrou trabalho. Dos respondentes, 96,2% afirmaram ter



havido mudança em sua rotina profissional durante a pandemia. Acima de 80% declararam ter que dividir o seu tempo entre a organização da vida pessoal e familiar e o estudo, preparação de aulas e cursos de aprimoramento; 51% dos docentes indicaram aumento extremo no volume de trabalho e tempo empregado para as atividades profissionais, durante o isolamento social.

Gráfico 3: Percepção sobre o aumento no volume e tempo de trabalho docente

250 respostas



LEGENDA

- 0 e 1** Houve pouco ou nenhum aumento de tempo e volume de trabalho.
- 9 e 10** Houve sobrecarga, com aumento extremo de volume de trabalho e de tempo.

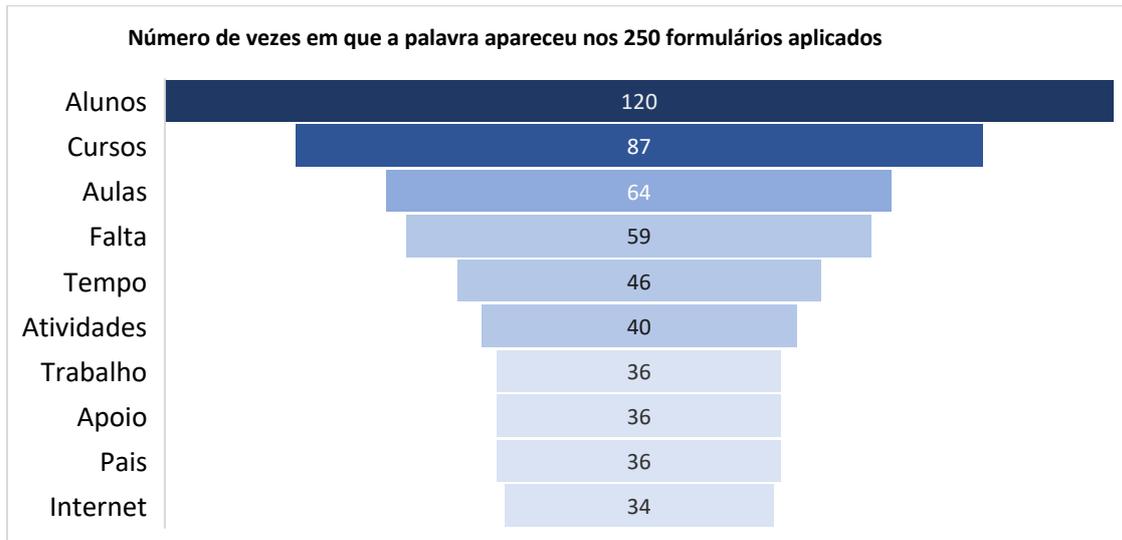
Fonte: ARE. Pesquisa (2020). Análise de dados: Lilian R. O. Rosa.

Fica evidente que os docentes se perceberam sobrecarregados, contudo, é necessária uma análise mais aprofundada, mas já é possível reconhecer indícios de uma experiência negativa, ou que as expectativas dos docentes quanto à distribuição ideal de tempo não foram atendidas naquele momento. Esses resultados alinham-se com outras pesquisas realizadas no Brasil. Por exemplo, o Instituto Península (2020) registrou alto percentual de docentes cuja rotina pessoal e de trabalho foi muito ou totalmente alterada durante o isolamento social, em 2020. Entre a organização do lar e o trabalho, filhos e cônjuge, em casa, o profissional também precisou destinar mais tempo para estudar e se aprimorar nas tecnologias necessárias para o ensino remoto.

Ao analisar as respostas abertas do instrumento de pesquisa, com o auxílio do *software* Nvivo, a palavra “tempo” aparece em quinto lugar, entre as mais citadas, logo depois de alunos (1), cursos (2), aulas (3) e falta (4).



Gráfico 4: Palavras citadas com mais frequência pelos professores (2020)



Fonte: ARE. Pesquisa (2020). Análise de dados Nvivo; Lilian R. O. Rosa.

A questão do tempo aparece associada ao volume de horas que o docente dedica ao planejamento, ao uso das mídias sociais e dos equipamentos de informática. O tempo aparece constantemente combinado à palavra “falta”, também uma das mais citadas na pesquisa. A principal reclamação é a falta de tempo para maior reflexão sobre as atividades, como também cuidar da saúde e do bem-estar.

A realidade desses profissionais durante o isolamento parece ter sido marcada pela sensação muito forte de insuficiência, em vários aspectos. Ao serem questionados sobre as dificuldades e o tipo de apoio recebido durante a pandemia, a palavra “falta” volta associada à falta de tempo; de acesso à internet pelos alunos; de apoio de coordenadores e diretores; de formação em ensino mediado por tecnologias; de colaboração, comprometimento e engajamento dos alunos; de comunicação entre gestores, professores e pais; de conhecimento e experiência com as plataformas digitais e com a tecnologia; de material didático específico; de recursos; entre outros³.

Essas respostas oferecem pistas para subsidiar a compreensão dos resultados das próximas dimensões, relacionadas aos cuidados com a própria saúde e o sentimento em relação às atividades profissionais.

b) Cuidados com saúde e bem-estar

Nessa dimensão, foi considerado o nível de satisfação, em uma escala de 0 a 10: (1) quanto ao desenvolvimento de práticas para cuidar da saúde física e mental; (2) quanto à percepção sobre o impacto da transposição do ensino presencial para o remoto, durante o período de confinamento. Para analisar os resultados, foi aplicada a classificação Net Promoter Score (NPS)⁴, em que se divide os respondentes em três grupos: promotores (que responderam entre 9 e 10); neutros ou passivos (que responderam entre 7 e 8); e detratores (que responderam entre 0 e 6).

³ Análise de dados e de conteúdo obtidos com o *software* Nvivo realizada por Lilian R. O. Rosa (2022).

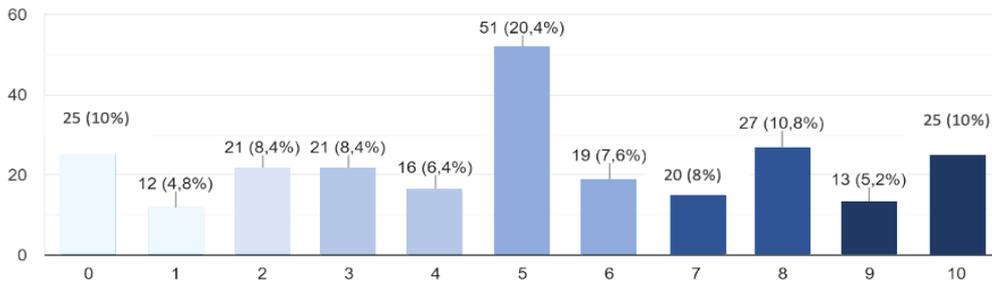
⁴ Criado nos Estados Unidos, em 2003, o NPS é uma ferramenta para avaliar a experiência de consumidores. Empregamos aqui para mera exemplificação, bem como para facilitar a compreensão do leitor.

Texto originalmente publicado em: ROSA, L.R.O. at al. Docência na Educação Básica em tempo de pandemia. In: MORENO, L. C. (org.) at al. **ARE – Academia Ribeirão-Pretana de Educação – 2002/2022 – 20 anos: educação, ensino, aprendizagem e pesquisa**. Ribeirão Preto: Maxibook. 2022.



Gráfico 5: Práticas para cuidar da saúde física e mental do docente

250 respostas



LEGENDA

- 0 e 1** Nada ou muito pouco satisfatório
- 9 e 10** Muito ou extremamente satisfatório

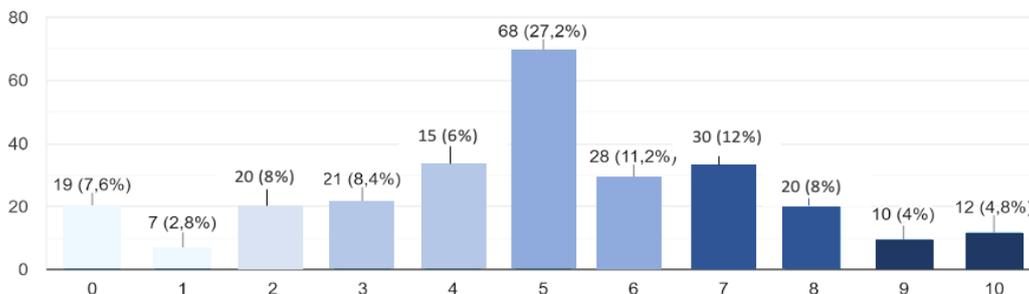
Fonte: ARE. Pesquisa (2020). Análise de dados: Lilian R. O. Rosa.

Observou-se que 15,2% dos respondentes estão muito ou extremamente satisfeitos com esse quesito, durante a pandemia, enquadrando-se como promotores aqueles que tiveram excelente experiência e tendem a falar positivamente dela. O segundo grupo (pontuação entre 7 e 8) reúne 18,8% dos professores, que podem ser considerados neutros, ou passivos; estão relativamente satisfeitos, mas apontaram restrições sobre a situação. Já o terceiro grupo totalizou 66% das respostas (pontuação entre 0 e 6), enquadrando-se entre os detratores. São aqueles que estão insatisfeitos, criticam ativamente e estão propensos a compartilhar a sua insatisfação nas redes sociais, no trabalho e em casa.

Quanto ao impacto da transposição do ensino presencial para o remoto, na qualidade de vida, os resultados também são sugestivos: 71,2% podem ser enquadrados no grupo de detratores (entre 0 e 6); 20% no grupo dos neutros; e 8,8% abrangem os promotores (satisfeitos e extremamente satisfeitos).

Gráfico 6: Percepção sobre o impacto, na qualidade de vida do docente, da transposição do ensino presencial para o ensino remoto (on-line)

250 respostas



LEGENDA

- 0 e 1** Nada ou pouco positiva
- 9 e 10** Muito ou totalmente positiva

Fonte: ARE. Pesquisa (2020). Análise de dados: Lilian R. O. Rosa.



Os resultados revelam que os professores estão, em sua maioria, insatisfeitos com o tempo que dedicaram aos cuidados com a saúde física e mental e preocupados com os impactos negativos na própria qualidade de vida.

Na mesma linha, a pesquisa realizada no Brasil, pelo Instituto Península (2020), com professores, revelou que, durante o isolamento social, esse profissional gastou mais tempo em organizar a vida pessoal e a familiar e com a prática de estudos (principalmente para preparar aulas), reservando pouco tempo para atividades de autoconhecimento (meditação, preces), artísticas e práticas de esportes *indoor*. Em contrapartida, 53% dos entrevistados manifestaram muita preocupação com a própria saúde, indicando acreditar que a pandemia estava afetando a saúde mental.

A experiência em formação continuada para docentes do ensino fundamental pós-pandemia vem mostrando, na prática, as consequências dessa experiência negativa, evidenciada nos Gráficos 5 e 6. No retorno às aulas presenciais, os professores relataram estar ansiosos, irritadiços, com menos paciência com os alunos e com as atividades cotidianas. Também são frequentes os problemas de relacionamento entre professores e alunos, professores e gestores escolares⁵.

c) Sentimentos em relação à docência durante a pandemia

Quanto à dimensão dos sentimentos em relação à docência, os resultados são muito significativos, pois 74% dos professores afirmaram sentir-se desafiados diante da realidade do ensino remoto. O restante declarou-se desiludido (12%), otimista (9%) ou pessimista (5%). Para compreender o significado desse resultado, foi construído o Quadro 2, com um comparativo entre o sentimento declarado e as médias de tempo de docência, idade e escolas em que o professor leciona.

Quadro 2: Comparativo entre sentimento, média de tempo de docência, a idade e escolas em que leciona dos que responderam à pesquisa Docência na Educação Básica em Tempo de Pandemia

Sentimento	Percentual de Respondentes	Média do Tempo de Docência	Média de Idade	Média de Escolas em que Leciona
Otimista	9%	12,7	41,2	1,5
Pessimista	5%	8,3	37,3	1,8
Desiludido	12%	10,6	35,6	1,6
Desafiado	74%	12,6	40,7	1,5

Fonte: ARE. Pesquisa (2020). Análise de dados: Lilian R. O. Rosa.

Aqueles que se declararam pessimistas e desiludidos têm as menores médias de tempo de carreira (8,3 anos e 10,6, respectivamente) e a maior média de número de escolas em que leciona (1,8 e 1,6 respectivamente). Esses dois grupos também se alinham, ao apresentarem as menores médias de idade (37,3 e 35,6 respectivamente). Ou seja, são mais jovens, com menos experiência e lecionam em mais de uma escola.

Em contrapartida, os otimistas e os desafiados apresentam a maior média de tempo de docência (12,7 e 12,6 respectivamente), de idade (41,2 e 40,7 respectivamente) e a menor média de escolas que lecionam (1,5). Dentre os desafiados,

⁵ ROSA, L. R. O.; MOLINA, S. R.; FERREIRA, M. T. **Formação aplicada para redes municipais de educação do interior do estado de São Paulo: Amor como atitude pedagógica: Cidadania, ética e empatia no ambiente escolar, com foco em escuta e mediação de conflitos.** Texto originalmente publicado em: ROSA, L.R.O. at al. Docência na Educação Básica em tempo de pandemia. In: MORENO, L. C. (org.) at al. **ARE – Academia Ribeirão-Pretana de Educação – 2002/2022 – 20 anos: educação, ensino, aprendizagem e pesquisa.** Ribeirão Preto: Maxibook. 2022.



mais de 60% têm entre 10 e 20 anos de docência, ou seja, estão na maturidade profissional e dividem seu tempo entre menos escolas. Outros dados de corte e aprofundamento seriam necessários para tirar conclusões sólidas sobre esse quadro comparativo; contudo, é possível perceber alguns indícios, a partir da classificação proposta por Michael Huberman (2000), dos temas mais evidenciados nas fases da carreira docente.

Para isso, foi construído o Quadro 3, desta vez filtrando o percentual de respondentes de acordo com os anos de docência. Para cada grupo, foi aplicada a classificação de Huberman (2000).

Quadro 3: Número de respondentes de acordo com modelo síntese elaborado por Michael Huberman (2000)

Número de Respondentes (ARE, 2020)	Anos de Docência - Classificação Adaptada de Huberman (2000)	Temas da Carreira (HUBERMAN, 2000)
40 (16%)	0,4 – 3	Entrada na carreira
24 (10%)	4 - 6	Estabilização, consolidação do repertório teórico
149 (62%)	7 - 25	Diversificação, ativo questionamento
28 (12%)	25 - 35	Serenidade, distanciamento afetivo, conservadorismo
1 (0%)	35 - 40	Desinvestimento (sereno ou amargo)

Fonte: Adaptado de Huberman (2000).

Na desagregação dos dados para melhorar a compreensão, verificou-se que, do total de 250 entrevistados pela ARE, 40 respondentes declararam ter entre 0,4 e 3 anos de carreira. Para Huberman (2000), o período de 1 a 3 anos de docência corresponde à entrada, caracterizada pela sobrevivência e descoberta. O profissional percebe a distância entre os ideais e a realidade cotidiana da sala de aula. Enfrenta os desafios da fragmentação do trabalho; as dificuldades de relacionamento entre os pares e com os alunos; material didático muitas vezes inadequado; entre outros aspectos.

Entre 4 e 6 anos de carreira, encontramos 24 professores que, de acordo com Huberman (2000), estariam na fase de estabilização, caracterizada por um comprometimento com a docência e consolidação das responsabilidades.

Do total de respostas, 62% indicam ter entre 7 e 25 anos de carreira, encontrando-se na fase que Huberman (2000) chamou de diversificação do conhecimento. O professor começa a fazer experimentações, quebrando a rigidez pedagógica e, portanto, fica mais aberto às adaptações. Ao mesmo tempo em que aparecem as dúvidas quanto à carreira e profissão, tornando-o questionador a respeito de sua profissão e suas escolhas.

Dentre os docentes, 28 (12%) têm entre 25 e 35 anos de carreira e estão na fase definida pelo autor como de serenidade, distanciamento afetivo e conservadorismo. Nessa etapa, o professor tende a ficar menos reativo, contudo, também tem mais dificuldade em se envolver em projetos inovadores.

Por fim, apenas um respondente tem 35 anos de profissão, estando na fase de desinvestimento, caracterizada por Huberman (2020) pelo período em que o professor se afasta da profissão e se dedica mais a si próprio e a outras atividades diferentes da docência. Aqueles que permanecem em sala de aula, por motivos variados, tendem a



fazer o “feijão com arroz” de todos os dias. Para o autor, esta fase está acontecendo cada vez mais cedo, no Brasil, em decorrência das más condições de trabalho. Há professores com menos tempo de carreira (entre 15 e 25 anos), que pensam em mudar de profissão, diminuindo o seu envolvimento e engajamento em projetos de melhoria da educação.

d) Uso das tecnologias

Na última dimensão analisada, aquelas ferramentas tecnológicas que mais apareceram como utilizadas pelos docentes para mediar o ensino e a aprendizagem foram o WhatsApp (76%), o Google Classroom (46,8%) e o Microsoft Teams (25,2%), seguido do Zoom e Facebook.

Quadro 4: Ferramentas empregadas pelos docentes para o ensino mediado por tecnologias durante o isolamento social (o docente poderia assinalar mais de uma alternativa)

Ferramenta Utilizada para o Ensino Mediado por Tecnologia (a distância / on-line)	Percentual de Respondentes
WhatsApp	76%
Google Classroom	46,8%
Microsoft Teams	25,2%
Zoom	17,6%
Facebook	12%
Moodle – BigBlue Button	2%
Blackboard - Collaborate	0,8%
Outra(s)	26,4%

Fonte: ARE. Pesquisa (2020). Análise de dados: Lilian R. O. Rosa.

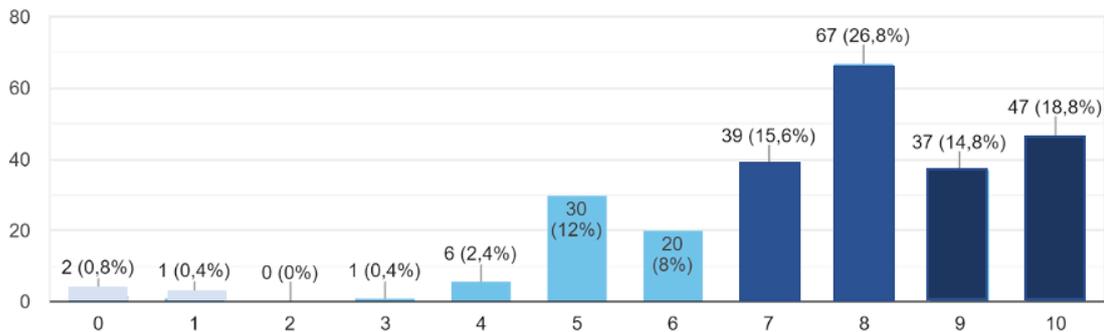
Em relação ao uso dessas tecnologias, 93,8% declararam possuir recursos para ministrar aulas remotas em casa (internet banda larga e computador), contudo, 89% não possuíam experiência com essa modalidade (a distância / on-line), antes das restrições devidas à Covid-19.

Dentre os docentes que se sentiram desafiados na dimensão anterior, em uma escala de 0 a 10, 20,6% responderam ter adquirido muita experiência com as inovações educacionais e tecnológicas (Gráfico 5). Isso evidencia um esforço, por parte do docente para suprir as suas dificuldades nesse setor, adequando-se à nova realidade de ensino mediado por tecnologias.



Gráfico 5: Percentual de respostas em relação à experiência com as inovações educacionais e tecnológicas durante o isolamento social

250 respostas



LEGENDA

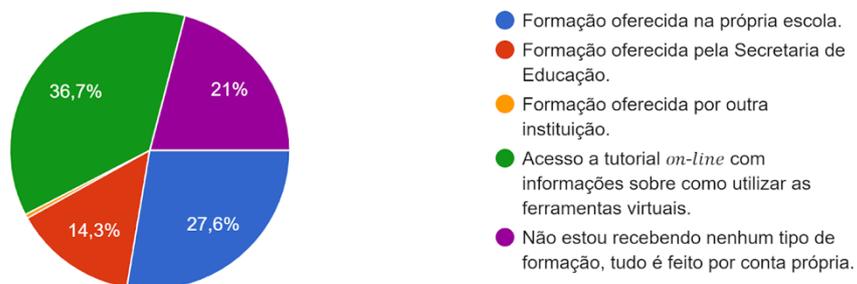
- 0 e 1** Não adquiriu nenhuma experiência
- 9 e 10** Adquiriu muita experiência

Fonte: ARE. Pesquisa (2020). Análise de dados: Lilian R. O. Rosa.

Esse esforço fica ainda mais evidente na análise do Gráfico 6, que mostra que 36,7% dos professores relataram ter aprendido a ministrar aulas remotas por meio de tutoriais *on-line* com informações sobre como utilizar as ferramentas virtuais; 27,6% tiveram formação oferecida pela própria escola; e 21% informaram ter aprendido por conta própria.

Gráfico 6: Percentual de modalidades de formação para uso de inovações educacionais declaradas pelos respondentes

210 respostas



Fonte: ARE. Pesquisa (2020). Análise de dados: Lilian R. O. Rosa.

Neste ponto, torna-se mais clara a falta de apoio por parte dos coordenadores e da escola, pois 57,7% declararam ter aprendido a usar as ferramentas digitais sem nenhum apoio da Rede de Ensino na qual atuam. Usando a expressão popular, o professor teve que “aprender a trocar o pneu do carro, enquanto aprendia a dirigir e, ao mesmo tempo, dirigia”. Exemplo disso é que mais de 80% declararam ter produzido conteúdo digital (tarefas, trabalhos, vídeos, postagem em redes sociais, entre outros), durante a quarentena.



Considerações finais

O público ouvido pela ARE caracteriza-se, em sua maioria, por professoras experientes na docência, com média de 40 anos de idade, mas sem experiência com o ensino mediado por tecnologias. Sentiram-se desafiados em aprender novas práticas e tecnologias, mas tiveram pouco apoio para isso. Apresentaram sinais evidentes de insatisfação com a atividade profissional durante a pandemia, dando indícios de que não dedicaram tempo suficiente para cuidar da saúde e do próprio bem-estar. Os profissionais tiveram pouco ou nenhum tempo para se adaptar à nova realidade.

Tudo isso gerou uma situação estressante, associada à adaptação a um novo contexto de vida em sociedade, de trabalho e ensino remoto emergencial, em que passaram a utilizar o espaço privado para exercer as atividades profissionais e de estudos. A demanda de trabalho e a ansiedade, em relação às incertezas em tempos de pandemia, evidenciou a fragilidade da educação, do saber-fazer do professor e da capacidade de gestão escolar em tempos de crise. É possível inferir que as atividades laborais, educacionais, relacionais e de comunicação, no período de isolamento social, foram afetadas, tendo como resultado novas formas de exclusão, a digital e a humana, além da falta de condições e preparação para o exercício do trabalho, principalmente o educacional.

Mesmo diante dessa realidade, os professores alcançaram alternativas educacionais, evidenciando alto grau de responsabilidade no processo de formação e desenvolvimentos social e humano. Aos professores que se esforçaram muito para garantir que o processo de ensino e aprendizagem não parasse, a ARE dedica o seu respeito e sua homenagem.

Outrossim, a ARE aponta para a necessidade da manutenção do tema na pauta da Educação. Refletir sobre as metodologias de ensino com foco no êxito do estudante é demanda contínua, mas, também, que não falte agenda para o debate sobre as atividades de apoio ao docente, garantindo condições de trabalho, acolhimento, atenção à saúde mental e espaço para as manifestações de todos os envolvidos com a educação. Embora melhor seria que nada como a pandemia voltasse a ocorrer, é oportuno transformar o conhecimento adquirido em medidas práticas para o aprimoramento dos educadores enquanto indivíduos.

REFERÊNCIAS

FGV SOCIAL. **Retorno para escola, jornada e pandemia**. 2022. Disponível em: <https://cps.fgv.br/destaques/fgv-social-lanca-pesquisa-retorno-para-escola-jornada-e-pandemia>. Acesso em: 22 abr. 2022.

GESTRADO. **Trabalho docente em tempo de pandemia**. UFMG, 2020. Disponível em: <https://gestrado.net.br/pesquisas/trabalho-docente-em-tempos-de-pandemia-cte-contee-2020/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: NÓVOA, António. (org). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000.

IBGE. **Pnad Educação 2019**: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Agência IBGE de notícias. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Texto originalmente publicado em: ROSA, L.R.O. et al. Docência na Educação Básica em tempo de pandemia. *In*: MORENO, L. C. (org.) et al. **ARE – Academia Ribeirão-Pretana de Educação – 2002/2022 – 20 anos**: educação, ensino, aprendizagem e pesquisa. Ribeirão Preto: Maxibook. 2022.



IBGE. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa. Agência IBGE de notícias. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 20 ago. 2020.

INEP. Brasil tem mais de 2,5 milhões de professores. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-10/brasil-tem-mais-de-25-milhoes-de-professores#:~:text=A%20maioria%20dos%20professores%20tem,do%20corpo%20do cente%20no%20pa%C3%ADs..> Acesso em: 11 abr. 2022.

INEP. Conheça o perfil dos professores brasileiros. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/institucional/conheca-o-perfil-dos-professores-brasileiros>. Acesso em: 11 abr. 2022.

INSTITUTO PENÍNSULA. Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do coronavírus no Brasil. 2020. Disponível em: https://institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Sentimentos_-fase-3.pdf. Acesso em: 11 abr. 2022.

LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

LAHIRE, B. Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável. 2. impr. São Paulo: Ática, 2004.

UNESCO. Global education coalition. 2022. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse#durationschoolclosures>. Acesso em: 5 abr. 2022.



Texto originalmente publicado em: ROSA, L.R.O. et al. Docência na Educação Básica em tempo de pandemia. In: MORENO, L. C. (org.) et al. **ARE – Academia Ribeirão-Preтана de Educação – 2002/2022 – 20 anos**: educação, ensino, aprendizagem e pesquisa. Ribeirão Preto: Maxibook. 2022.